
Apresentação

Repensando Camilo Castelo Branco

Doi

<https://doi.org/10.37508/rcl.2025.n53a1343>

Os estudos camilianos, que nos últimos anos continuam a inspirar fiéis pesquisadores, têm-se tornado bastante prósperos, tanto no Brasil, como em Portugal. Deve-se tal situação, em grande parte, a várias instituições, entre as quais destacamos: a Casa-Museu de Camilo – em São Miguel de Seide –, a Camiliana de Sintra, o Grupo Camilo Castelo Branco e o Real Gabinete Português de Leitura.

A Casa-Museu, aberta ao público em 1921, e o seu Centro de Estudos Camilianos, dirigidos atualmente pelo professor Sérgio Paulo Guimarães de Sousa, reúnem um vasto património constituído por documentação manuscrita – muita dela autógrafa –, obras bibliográficas, iconográficas e de artes plásticas, além das bibliotecas de grandes nomes da cultura portuguesa oferecidas a esta instituição. A Casa de Camilo compreende, além de salas de leitura e gabinetes de trabalho, um vasto auditório, conjunto realizado pelo arquiteto Álvaro Siza Vieira, em 2005. A sua atividade é multicultural e, durante a comemoração do bicentenário do autor, estão programadas diversas manifestações: exposições temporárias, a que se junta, desde 1991, o “Prémio Literário Camilo Castelo Branco”, instituído e patrocinado pelo Município de Vila Nova de Famalicão e pela Associação Portuguesa de Escritores, que distingue anualmente

uma obra literária de um autor de língua portuguesa. No âmbito da comemoração do bicentenário, o Centro de Estudos Camilianos realizará, em 2025, o Colóquio Internacional “Camilo Castelo Branco, 200 anos depois”.

A Camiliana de Sintra, financiada pela Câmara Municipal de Sintra como Bem Cultural de Interesse Público desde 2020, está situada na Biblioteca Municipal dessa cidade. Possui um fundo arquivístico, bibliográfico e iconográfico doado em 1939 pelo colecionador Rodrigo Simões Costa. Um protocolo, assinado em 2008 entre a Câmara e a Cátedra Camilo Castelo Branco da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, é dirigido pelas professoras Cristina Sobral, Serafina Martins e Ana Pereira, e tem por objetivo um plano editorial a cargo de Ivo Castro para a publicação da obra de Camilo, incluindo manuscritos autógrafos pertencentes ao espólio com cerca de 6.400 documentos. Neste momento foram publicadas 13 edições críticas pela Imprensa Nacional. Outras duas encontram-se no prelo.

Além da sua atividade editorial, a Cátedra desenvolve diversas ações com o objetivo de atingir os públicos mais diversos: parcerias com professores do ensino secundário; participação de autores de biografias para crianças e jovens e de contos sobre Camilo; leituras transmitidas pela rádio e nas escolas; concertos de música, sobretudo da época camiliana; e ciclos de cinema camiliano. A Cátedra promoverá e participará, em 2025, da organização de três congressos internacionais em Portugal e no estrangeiro.

Criado em 2018 pelos professores Luciene Marie Pavanelo (UNESP) e Antonio Augusto Nery (UFPR), seus atuais coordenadores, o “Grupo de pesquisa Camilo Castelo Branco” reúne investigadores, brasileiros e estrangeiros. O seu objetivo é estimular novas análises da obra de Camilo, desde as primeiras, em 1840, até às obras póstumas, bem como estudos de literatura comparada, relações com outras artes, com a História e com a Filosofia. Esse Grupo dirige a *Revista Olho d’Água*, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP), com dois dossiês (v. 14, n. 2 e v. 15, n. 1) já publicados. Realizou,

em 2023, o primeiro colóquio internacional do ciclo dos eventos comemorativos do bicentenário de Camilo Castelo Branco. O seu segundo colóquio internacional dedicado ao autor e ao bicentenário ocorreu na Universidade Federal do Paraná (UFPR) em novembro de 2024. Ainda em 2024, publicou o livro *Rumo aos 200 anos de Camilo: do Oitocentos à atualidade*, pela Editora Pimenta Cultural (São Paulo).

Cita-se, por fim, o Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, fundado em 1837, que guarda talvez a mais preciosa camiliana fora de Portugal, não só pelos 1.955 registros relativos a Camilo de seu catálogo bibliográfico, mas pela raridade de seus itens. A “joia da coroa” é, sem dúvida, o manuscrito autógrafo de *Amor de perdição*, doado testamentariamente ao Real Gabinete pelo bibliófilo Garcia Saraiva, integrando um conjunto de cerca de 800 peças, entre as quais estão as primeiras edições das suas obras, como a narrativa *A infanta capelista*, que teve a impressão sustada pelo autor no capítulo 11.

De manuscritos (com destaque para a volumosa correspondência dirigida por António Feliciano de Castilho a Camilo) e edições oitocentistas de livros e periódicos até obras publicadas recentemente, muitas serão as descobertas que ainda aguardam os pesquisadores nas estantes e nos armários do Gabinete.

Não têm faltado ao Real Gabinete iniciativas que valorizem a vida e a obra do grande escritor: o patrocínio de publicações, como a monumental edição de *Amor de perdição*, de 1983, com a reprodução das páginas do manuscrito e sua transcrição anotada pelo professor Maximiano de Carvalho e Silva; a edição do opúsculo *Amor sem perdição*, de 2012, e de vários ensaios na revista *Convergência Lusíada*; a promoção de cursos de extensão, seminários, palestras e programas *online* no âmbito das atividades do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras, dinamizador do Centro de Estudos, sob a coordenação da professora Gilda Santos. Para 2025, planeja-se o ciclo de conferências “200 anos de Camilo Castelo Branco no RGPL” sob a coordenação da professora Andreia Alves Monteiro de Castro.

Nesse contexto de celebração do bicentenário de nascimento de Camilo Castelo Branco, também a *Convergência Lusíada* abre o ano de 2025 com este número dedicado ao incontornável escritor oitocentista. Os artigos do *Dossier* foram reunidos em três grupos. Um primeiro, com quatro estudos sobre os romances e a obra ensaística de Camilo, traz os trabalhos de Paulo Motta Oliveira, Eduíno José de Macedo Orione, Jefferson de Moraes Lima e Márcia Arruda Franco. Num segundo conjunto, os artigos de Andreia Alves Monteiro de Castro e Mónica Ganhão abordam a obra do autor de *Amor de perdição* (1862) numa perspectiva comparada. O *Dossier* se completa com um terceiro bloco de valiosos estudos de Luciane Marie Pavanelo e Germana Araújo Sales sobre a recepção da obra de Camilo.

Paulo Motta Oliveira detém-se na crítica à Inquisição e ao Santo Ofício nos romances históricos *O judeu* (1866) e *O olho de vidro* (1866). Para o articulista, trata-se de uma denúncia da “nódoa negra e fúnebre do clero” nos dois séculos que decorrem “desde D. João III até ao marquês de Pombal”. Já Eduíno José de Macedo Orione estuda, em *Amor de salvação* (1864), a pouco convencional apropriação efetuada por Camilo Castelo Branco de um certo modelo ficcional: sucessão de peripécias e final feliz pelo casamento. O estudo de Jefferson de Moraes Lima propõe o estudo das obras *Carlota Ângela* (1858), *Agulha em palheiro* (1863) e *A queda dum anjo* (1866) no contexto do liberalismo português, a partir da ideia de contemporâneo apresentada pelo filósofo italiano Giorgio Agamben. Em diálogo ainda com a celebração de 500 anos de Camões, Márcia Arruda Franco aborda o ensaio *História e sentimentalismo, poetas e raças finas* (Camilo Castelo Branco), publicado em 1880, assinalando os 300 anos da morte de Camões. Para a articulista, Camilo “apresenta uma concretização da obra mirandina, homologada, no todo ou em parte, pela comunidade crítico-literária nos séculos XIX, XX e XXI”, mas traz também uma importante lição de convite à releitura, sob nova perspectiva, da obra de Sá de Miranda.

O *Dossier* continua com Andreia Alves Monteiro de Castro que percorre as páginas do periódico *O Nacional*, em 1849, para recolher o

diálogo poético entre Maria da Felicidade do Couto Browne e Camilo. Traz-nos um filão pouco conhecido da produção camiliana e nos abre uma janela para a obra de uma importante voz feminina da literatura portuguesa oitocentista. Ainda nesse horizonte de trabalho, Mónica Ganhão analisa as diferenças entre as obras de Camilo Castelo Branco e de Ana Plácido na tematização do adultério e do comportamento sexual e social feminino, considerando que “o género determinava e distinguia as experiências de vida masculinas e femininas”.

O fecho do *Dossier* apresenta dois estudos sobre a recepção camiliana: um, de Luciane Marie Pavanelo, sobre as abordagens da obra camiliana nas historiografias literárias brasileira e portuguesa desde o século XIX para concluir que poucas mudanças ocorreram: permanecem hegemônicas, no discurso historiográfico, as leituras biográficas, o clichê do escritor ultrarromântico e a divisão da obra em dois conjuntos (novela passional e novela satírica); o outro, de Germana Araújo Sales, que examina o número da revista *Nova Alvorada* (1891-1903) dedicado a Camilo Castelo Branco, publicado um ano após a sua morte, para o qual colaboraram Ana Plácido, Oliveira Martins, Francisco Gomes de Amorim, Teófilo Braga e Guiomar Torresão. Já então se podia assinalar, segundo a articulista, a consagração de Camilo.

Já agora na seção *Vária*, iniciamos com o estudo de Vandith Vieira da Silva Santos e Berty R. R. Byron, que traz uma visão abrangente da obra de José de Anchieta, com ênfase nas vozes críticas que se debruçaram sobre o “Apóstolo do Brasil”. Tal pesquisa foi realizada no acervo do Real Gabinete Português de Leitura, no período de agosto de 2023 a julho de 2024, quando a primeira autora recebeu a Bolsa Evanildo Bechara/RGPL/PPLB. O segundo artigo, assinado por Ricardo Namora, aborda as obras de Roussado Pinto e Dinis Machado. Segundo o articulista, ambos “moldaram clichês genéricos” da tradição *pulp* e contruíram enredos e protagonistas ao mesmo tempo “paroquiais e universais”, “cópias do modelo” e também “reflexos reconhecíveis da vida quotidiana, em toda a sua inefável e desoladora sordidez”. Por fim, Paulo Alberto da Silva Sales propõe uma leitura

dos últimos livros de Adília Lopes a partir da perspectiva biografe-mática de Roland Barthes. O ponto de contato mais fundamental entre as duas obras seria a própria vida enquanto ficção poética.

A *Entrevista* deste número é com o poeta Luís Filipe Castro Mendes, para quem “a escrita é sempre uma aventura”. “A poesia como resposta à vida” é o título do cuidadoso trabalho realizado por Julia Araujo Borges, que destaca o “olhar privado e intimista (do poeta) diante da realidade que o cerca”, para além da “revisitação e renovação das formas clássicas”, já assinalada por boa parte da crítica.

Duas resenhas fecham o número 53. Maria Caser da Costa e Jorge Vicente Valentim examinam romances de novíssimos escritores portugueses: *À procura da manhã clara*, de Ana Cristina Silva (Lisboa, Bertrand, 2022); e *Biografia do esquecimento*, de Diogo Leite Castro (Vialonga, Ego Editora, 2024).

No âmbito das comemorações do bicentenário de Camilo Castelo Branco, o Real Gabinete Português de Leitura, por meio de sua revista *Convergência Lusíada*, celebra a obra monumental de um dos maiores escritores da língua portuguesa: por seu estilo inigualável; pelo quadro social amplo e complexo dos alvares do liberalismo; pelas personagens tão de seu tempo e também de todos os tempos, tão singulares e tão universais; pelo manejo moderno da arte de narrar, sem didatismo, convocando sempre o leitor à reflexão perante os enigmas maiores da existência.

Boa leitura!

Maria Cristina Pais Simon

Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3

Sérgio Nazar David

Universidade do Estado do Rio de Janeiro